

# Palmares & Cucaú: um livro e suas histórias

Palmares & Cucaú: a book and its stories

Silvia Hunold Lara\*

**Resumo:** O texto descreve o processo de pesquisa e de escrita do livro *Palmares & Cucaú*, dialogando com as resenhas publicadas no fórum organizado pela revista.

**Palavras-chave:** Palmares; Cucaú; historiografia.

**Abstract:** The text describes the research and writing process of the book *Palmares & Cucaú*, dialoguing with the reviews published in the forum organized by the journal.

**Keywords:** Palmares; Cucaú; Historiography.

**P**almares & Cucaú é um livro que foi escrito em dois tempos. Primeiro, em 2008, com quatro capítulos — uma escrita rápida, depois de três anos de pesquisa, para obter um título acadêmico. Depois de novas e sucessivas visitas aos arquivos, várias revisões e aprimoramentos, ganhou mais um capítulo e tomou a forma final em 2020, sendo publicado em 2021. Ao todo, da pesquisa inicial ao livro, pouco mais de 15 anos. Os resultados aparecem também na base de dados *Documenta Palmares* e na edição de uma *Relação* escrita em 1678, que narra a investida das tropas comandadas por Fernão Carrilho contra Palmares, organizada em conjunto com Phablo Fachin.<sup>1</sup>

Desde o início, quando me interessei por investigar a história de Palmares, tive plena consciência de lidar com um tema sensível. Palmares não apenas foi o maior, mais extenso e duradouro movimento de resistência da história da escravidão no Brasil, como também tem sido, desde pelo menos o século XIX, um símbolo da luta contra o racismo e pela plena

\* Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: shlara@unicamp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3093-1442>.

1 **Documenta Palmares**. Campinas: Unicamp/IFCH/Cecult, 2021. (Base de dados). Disponível em: <https://www.palmares.ifch.unicamp.br/>. LARA, Silvia Hunold; FACHIN, Phablo Roberto Marchis (org.). **Guerra contra Palmares**. O manuscrito de 1678. São Paulo: Chão Editora, 2021.

cidadania para os afrodescendentes no Brasil. Estes dois aspectos ocuparam lugar de destaque na maior parte das obras historiográficas, sociológicas e literárias sobre Palmares que, no entanto, apoia-se num conjunto documental relativamente restrito e, em geral, mal referenciado.

O descompasso me chamou a atenção — assim como, em pesquisa anterior, havia estranhado o relevo dado por Perdigão Malheiro para o pouco comentado alvará de 1682, “sobre a liberdade e a escravidão dos negros dos Palmares” (o único documento do período colonial que ele publicou em seu livro).<sup>2</sup> Também já havia ficado surpresa quando, em 1995, bem antes de pensar em um projeto de pesquisa sobre Palmares, me preparava para escrever um artigo sobre os capitães-do-mato e descobri, na biblioteca de minha universidade, a cópia de uma coletânea organizada por Ernesto Ennes em 1951, com mais de 80 documentos inéditos.<sup>3</sup> Ao fazer o balanço da pesquisa para iniciar a escrita, em 2008, achei inusitado ter localizado manuscritos que nunca tinham sido utilizados pela bibliografia (como as cartas do governador de Pernambuco para Gana Zumba e Gana Zona, de 1678, que abrem o livro, e os originais da *Relação* de 1678). Para um tema tão sensível e importante em termos historiográficos e políticos, os estudiosos dos Palmares tinham tido bem pouco cuidado com as fontes.

Menciono esses detalhes para mostrar como, desde o início, a documentação passou a ocupar um lugar relevante — mais do que os historiadores normalmente costumam lhe dar em suas pesquisas. O estranhamento inicial somou-se à falta de referências arquivísticas, à existência de um número significativo de transcrições truncadas e à profusão de documentos cruciais ainda inéditos que fui encontrando. Tudo isso junto impôs uma investigação especial sobre as fontes disponíveis para o estudo da história dos Palmares. Achar os manuscritos originais e identificar suas condições de produção, assim como verificar o modo como tinham (e se tinham) sido lidos pelos diversos autores tornou-se então uma tarefa primordial, prévia a qualquer análise.

A base de dados *Documenta Palmares* resultou, em grande parte, deste esforço. Ela disponibiliza na internet fontes manuscritas que se referem explicitamente aos Palmares e suas respectivas transcrições impressas, assim como mapas, materiais audiovisuais e obras de história, antropologia, arqueologia, literatura e de caráter didático. Além de compartilhar o fruto de pesquisas que contaram com investimentos públicos, este é um gesto político: a importância simbólica de Palmares não pode carecer de um conhecimento cuidadoso das fontes disponíveis para seu estudo. Este é um passo essencial para que se possa distinguir

2 LARA, Silvia Hunold. “O direito e as leis escravistas na América portuguesa”. Legislação sobre Escravos Africanos na América Portuguesa. In: ANDRÉS-GALLEGO, José (coord.). **Nuevas aportaciones a la historia jurídica de Iberoamérica**. Madri: Fundación Histórica Tavera/Digibis/Fundación Hernando de Larramendi, 2000. Disponível em: [http://www.larramendi.es/i18n/catalogo\\_imagenes/grupo.cmd?path=1000203](http://www.larramendi.es/i18n/catalogo_imagenes/grupo.cmd?path=1000203)

3 ENNES, Ernesto. **Os primeiros quilombos**. Subsídios para sua história. [S.l.: s.n.], [1951]. Disponível em: <https://palmares.ifch.unicamp.br/pf-palmares/work-files/237%2C%20Ennes%2C%20Primeiros%2C%201951.pdf>. **Documenta Palmares**.

os eventos ocorridos no século XVII da sua memória ao longo dos séculos e de seus significados no mundo contemporâneo. Evidentemente estes três aspectos estão imbricados e todos fazem parte da história dos Palmares, mas não deixa de ser relevante saber como e quando personagens como Aqultune ou Dandara apareceram nesta história, sem haver qualquer registro delas nas fontes seiscentistas. Mas Aca Inene e Maria Moreira estão lá. Isso é particularmente importante quando todos queremos saber mais sobre a participação das mulheres na história de Palmares e dos fugitivos da escravidão nas Américas.

Ao mesmo tempo, a base de dados é apenas um ponto de partida para quem quiser explorar as várias dimensões da história dos Palmares. Ainda que haja outras fontes e obras que não estão ali referenciadas, por terem escapado de meu levantamento ou por terem relações indiretas com os mocambos, ninguém mais pode alegar desconhecimento. Como toda reunião de fontes, ela tem seus limites e potencialidades. Eles estão explicitados ali e cabe aos visitantes lidar com uns e outras.

A vasta e cuidadosa coleta de fontes tem a ver com uma outra dimensão, que foi fundamental na construção do argumento que estrutura o livro. O cruzamento da documentação com a historiografia mostrou que aquele descompasso é decorrente, ao menos em parte, de escolhas interpretativas que levaram ao silêncio sobre o acordo de 1678 ou a uma descrição que extrapola o que vai registrado nos documentos. Investigar a história do acordo de paz e da aldeia de Cucaú tornou-se, então, uma segunda tarefa na análise que empreendi sobre os Palmares. Por isso, a pesquisa concentrou-se no século XVII.

Não tratei apenas de descrever os acontecimentos que levaram ao acordo de 1678 e seus resultados práticos, como a criação da aldeia de Cucaú, mas de entender as lógicas que levaram as autoridades coloniais e, especialmente, as lideranças de Palmares a negociar. O lado da governança e dos senhores escravistas pernambucanos é mais conhecido, mas não o dos palmaristas. Mesmo depois de quase duas décadas (levando em consideração o primeiro tempo de escrita do livro) de uma virada historiográfica que havia colocado os escravizados no centro da história da escravidão e de década e meia de movimento semelhante no estudo dos quilombos no Brasil,<sup>4</sup> eles continuavam a merecer pouca atenção. É por isso que os palmaristas se tornaram o centro do livro: sempre busquei por eles nos arquivos e seu ponto de vista articula todo o texto.

Entender a lógica que orientou suas escolhas em diversos momentos tornou-se um desafio tão grande quanto achar, na documentação produzida por soldados e administradores coloniais, informações que pudessem iluminar a experiência dos homens e das mulheres que viveram nos Palmares. Foi assim que descobri dados inusitados,

4 Para um balanço desta virada historiográfica ver LARA, Sílvia Hunold. "Blowin' in The Wind": Thompson e a experiência negra no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, v. 12, p. 43-56, out.1995. Para a história dos quilombos, o marco historiográfico é o livro de GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos**: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (séculos XVII-XIX). São Paulo: Editora Unesp, 2005 (resultado de sua tese de doutorado, defendida em 1997).

como aqueles sobre gente aprisionada nas guerras que foi levada a Lisboa. Dentre os acréscimos feitos no segundo tempo de escrita, está a análise do destino dos prisioneiros — tema até então também intocado pela historiografia. Foi entre eles que encontrei Maria Moreira, identificada como mulher de Zumbi, junto com uma filha e três filhos, capturados provavelmente na invasão da cerca do Barriga em 1694.<sup>5</sup>

Este caminho me levou a recorrer à bibliografia africanista para iluminar as informações constantes nas fontes e decifrar os motivos das escolhas feitas pelas lideranças palmaristas. Aqui também não há novidade. De diferentes maneiras, a inspiração centro-africana já aparecia nos primeiros estudos do século XX sobre os Palmares. No entanto, mais que recuperar uma “cultura política”, termo um pouco vago, utilizado pela bibliografia mais antiga, inspirei-me na “gramática” mencionada por Mintz e Price<sup>6</sup> para falar em uma “sintaxe”: mais que no conjunto de regras, preferi pensar no modo de articular os elementos que compõem um enunciado e, assim, privilegiar a ação (e os valores) que são operados pelos sujeitos históricos (e deles dependem).

É preciso dizer que, entre o final dos anos 2000 e 2020, quando o livro foi finalmente concluído, a historiografia sobre a África Central desenvolveu-se bastante. Não só a historiografia, mas também a arqueologia e a linguística histórica. Ainda que os tempos facilitem cada vez mais a circulação digital das publicações, os estudos africanistas no Brasil sobre o século XVII centro-africano não têm o mesmo ritmo nem a mesma dinâmica daqueles desenvolvidos nos Estados Unidos ou na Europa. Menos ainda na própria África Central. Se a escrita em dois tempos pôde se beneficiar de mais pesquisas, nem sempre isto ocorreu em relação à historiografia. De todo modo, o caminho resultou frutífero e relevante, mesmo que tenha algumas falhas, mais perceptíveis hoje do que há alguns anos.

Nada mais natural. Hoje temos condições de saber mais sobre as guerras no sertão de Angola e temos mais informações sobre as origens dos escravizados que foram forçados a cruzar o Atlântico, do que há duas décadas. Evidentemente há debates e, como tudo na área da história, dependemos da comprovação dos argumentos e das interpretações. No caso de Palmares, faz diferença ter em vista a heterogeneidade ou a homogeneidade da população escravizada em Pernambuco ao longo do século XVII, assim como incluir ou não os Imbangalas nesse contingente. A contribuição de Stuart Schwartz para a análise de Palmares, num artigo que foi escrito em vários tempos, entre 1982 e 1992,<sup>7</sup> está ancorada em um contexto historiográfico sobre a história da escravidão nas Américas e da

5 Certidão de João de Siqueira Barreto, de 4 de agosto de 1694. AHU\_ACL\_CU\_015, Cx. 16, D. 1656, anexo 2. Disponível em: [https://palmares.ifch.unicamp.br/pf-palmares/record-files/Transcri%C3%A7%C3%A3o%20%28Fichas%29/AHU\\_ACL\\_CU\\_015%2C%20Cx.%2016%2C%20D.%201656%2C%20anexo%2002b.pdf](https://palmares.ifch.unicamp.br/pf-palmares/record-files/Transcri%C3%A7%C3%A3o%20%28Fichas%29/AHU_ACL_CU_015%2C%20Cx.%2016%2C%20D.%201656%2C%20anexo%2002b.pdf). **Documenta Palmares.**

6 MINTZ, Sidney W.; PRICE, Richard. **The Birth of African-American Culture.** An Anthropological Perspective. Boston: Beacon Press, 1992.

7 A versão final do artigo foi publicada em: SCHWARTZ, Stuart B. Rethinking Palmares: Slave Resistance in Colonial Brazil. In: SCHWARTZ, Stuart B. **Slaves, Peasants, and Rebels.** Reconsidering Brazilian Slavery. Urbana: University of Illinois Press, 1992. p. 103-136. A tradução para o português foi feita em 2001.

África Central que é bem diverso do que temos hoje. É com base em conhecimentos mais recentes sobre ambas, como no caso das teses de John Thornton e Linda Heywood sobre a “onda angolana”,<sup>8</sup> que podemos discordar de sua abordagem — sem lhe tirar o imenso mérito heurístico para a história dos Palmares.

O protagonismo dos palmaristas não constitui apenas o ponto de partida para o estudo do acordo de paz, mas está em toda a interpretação da história dos mocambos. Além de inscrever Cucaú na história dos Palmares, proponho, por exemplo, uma nova cronologia, marcada pelas diferentes formas de organização dos mocambos, por suas diversas lideranças e pela variação territorial. São características *palmaristas* e não eventos exteriores a elas, como a presença holandesa ou as grandes expedições que atacaram os mocambos, que marcam as diversas fases.

Esta cronologia é fundamental para colocar em xeque a leitura linear e unívoca construída pela maior parte da bibliografia, que insiste em falar no “quilombo” dos Palmares. A palavra “quilombo” teve sentidos específicos no século XVIII, tornou-se em seguida um substantivo com um significado mais genérico, designando todos os assentamentos de fugitivos e, no final do século XX, passou a abarcar também as comunidades autônomas de descendentes de escravizados e libertos que recorrem a sua trajetória histórica para legitimar o território que ocupam e seu direito à cidadania. Como procurei mostrar, no século XVII a palavra só foi empregada para designar os Palmares na sua conjuntura final, depois da destruição de Cucaú. A percepção das autoridades coloniais combina com as informações sobre a localização dos mocambos e com uma alteração nos usos do termo nas duas margens do Atlântico.

Numa análise histórica, a precisão é fundamental. Ela abre espaço para uma reflexão mais cuidadosa das relações (imbricadas, não é demais repetir) entre história, memória e política. Sem a devida atenção ao que vai dito nas fontes e às tensões que atravessam seu contexto de produção, o risco de interferência do desejo do historiador e do anacronismo tornam-se perigos ainda maiores.<sup>9</sup>

Nessa área de conhecimento, uma pesquisa e um livro não podem ser bem-sucedidos sem um problema histórico — seja para focalizar os acontecimentos no passado ou sua memória. Isso implica dizer que os historiadores trabalham sempre a partir de recortes:

8 Ver especialmente HEYWOOD, Linda M.; THORNTON, John K. **Central Africans, Atlantic Creoles, and the Foundation of the Americas, 1585-1660**. New York: Cambridge University Press, 2007. Sobre Palmares, ver: THORNTON, John K. Angola e as origens de Palmares. In: GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Mocambos de Palmares**. Histórias e fontes (séculos XVI-XIX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 48-60. Les états de l'Angola et la formation de Palmares (Brésil). **Annales**, Paris, v. 63, p. 769-797, 2008.

9 Um bom exemplo é o livro de NAFAFÉ, José Ligna. **Lourenço da Silva Mendonça and the Black Atlantic Abolitionist Movement in the Seventeenth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022, mencionado por Marc Hertzman. Nele, a vontade de afirmar o protagonismo africano no movimento abolicionista preside a análise. O autor conclui ter havido conexões entre Lourenço da Silva Mendonça e os Palmares, mencionando minha discordância em relação a esta tese. O que disse, quando conversei com ele, foi simplesmente que faltavam fontes suficientes para comprovar a conexão que ele tanto desejava proclamar. Mantenho a opinião, mesmo depois de ler o livro, que aliás tem vários problemas no trato com as fontes, como, por exemplo, imaginar que a Propaganda Fide poderia ser um tribunal e realizar “processos judiciais”.

é o problema a ser deslindado que orienta a escolha das fontes, dos procedimentos metodológicos, das formas de comunicação dos resultados. A relação e a hierarquia entre as fontes e a historiografia depende do modo como se postula este problema. Uma obra secundária em uma pesquisa pode constituir o próprio objeto da investigação em outra. Eis uma das diferenças entre *Palmares & Cucaú* e o interessantíssimo livro escrito por Marc Hertzman sobre a memória de Palmares.<sup>10</sup>

Não há novidade nisso. Esta concepção do trabalho do historiador traz implícita a constatação de que não se pode tratar de tudo. Assim, *Palmares & Cucaú* deixou muita coisa de fora. Muitos me perguntam sobre a relação entre palmaristas e indígenas, sobre a agência feminina, as práticas militares, a religião e a língua dos Palmares. Ou ainda sobre o modo como a experiência da escravidão em Pernambuco impactou ou não os valores centro-africanos, ou como a presença de várias gerações de palmaristas pode ter repercutido nas formas de organização dos mocambos.

O livro menciona aqui e ali algumas informações sobre estes temas — o que é muito diferente de tomar cada um deles como objeto de análise. Alguns receberam uma atenção um pouquinho maior, discutidos rapidamente em uma ou outra nota de rodapé, como o debate acerca da presença ou não da escravidão entre os palmaristas. A questão é crucial e galvaniza o debate contemporâneo, ao ser instrumentalizada especialmente por aqueles que, ignorando os estudos que diferenciam as formas da “escravidão” nas sociedades africanas e americanas, se posicionam contra as políticas de ação afirmativa e as iniciativas de reparação aos descendentes de escravizados. O debate, aqui, parece ser “histórico” mas diz respeito, eminentemente, ao presente — não às interpretações do passado.<sup>11</sup>

Outros aspectos não ficaram de fora, mas foram tratados de forma breve. É o caso, por exemplo, das eventuais modificações da sintaxe política centro-africana ao atravessar o Atlântico. Flávia Carvalho se pergunta sobre os significados da “vassalagem” nos dois lados do Atlântico, tanto para as autoridades coloniais quanto para os sobas e para Gana Zumba. Passo pela questão, analisando o ponto de vista das autoridades pernambucanas e de Gana Zumba. Mas não retomo o longo debate das “sobrevivências” africanas nas Américas — questão importantíssima, mas que demanda um exercício comparativo mais rigoroso que extravasaria os limites do livro e dos problemas que escolhi tratar.<sup>12</sup>

10 HERTZMAN, Marc A. **After Palmares: Diaspora, Inheritance, and the Afterlives of Zumbi**. Durham: Duke University Press, 2024.

11 Seria interessante pensar na mudança de qualidade deste debate se os que falam simplesmente de “escravidão” na África Central pudessem ler a instigante tese de Marcos Abreu Leitão de Almeida sobre a longa história deste termo e de suas práticas na região. ALMEIDA, Marcos Abreu Leitão de. **Speaking of Slavery: Slaving Strategies and Moral Imagination in the Lower Congo Region (early times to ca. 1867)**. 2020. Tese (Doutorado em História) — Northwestern University, Evanston, 2020.

12 Sobre o tema, há pistas instigantes no artigo de MILLER, Joseph C. Retention, Reinvention, and Remembering. Restoring Identities Through Enslavement in Angola and Under Slavery in Brazil. *In*: CURTO, José C.; LOVEJOY, Paul E. (org.). **Enslaving Connections: Changing Cultures of Africa and Brazil During the Era of Slavery**. Nova York: Humanity Books, 2004. p. 81-121 (traduzido pela *Revista de História*, São Paulo, v. 164, p. 17-64, 2011).

Ou ainda a questão da possibilidade de equiparar a experiência palmarista com a de outros fugitivos, nas Américas e na África, como bem lembra Fabiana Schleumer. *Palmares & Cucaú* circunscreveu o exame deste ponto às características e à temporalidade de seus protagonistas. É por isso que, no capítulo 2, ao comparar a história da aldeia de Cucaú com outros episódios nas Américas, trato mais demoradamente do movimento liderado por Yanga que resultou na criação do *cabildo* de San Lorenzo de los Negros, por volta de 1609, e não dos eventos da Jamaica ou do Suriname, ocorridos no século XVIII.

Outro debate importante é aquele em torno dos silêncios e limites dos arquivos coloniais — com os quais temos que lidar todo o tempo. Não é de hoje que os historiadores discutem procedimentos analíticos que permitam analisar as experiências das pessoas que não produziram nem guardaram registros textuais e que apenas aparecem nas entrelinhas e à revelia nos arquivos da administração colonial. A questão está na raiz do aparecimento da história social, nas suas diversas vertentes, desde pelo menos os anos 1960. Desde então o debate tem se desenvolvido bastante e tem sido objeto de várias investigações. Destaco, por exemplo, o trabalho realizado por Olivia Cunha, sobre os processos de estigmatização e desclassificação implicados nos procedimentos de identificação que estavam inovando os arquivos policiais no início do século XX.<sup>13</sup> No final dos anos 1990, quando o livro foi escrito como tese de doutorado, a nomenclatura era bem diferente da usada hoje em dia, mas a problemática que norteou a pesquisa continua atualizadíssima.

Em *Palmares & Cucaú*, meu caminho foi enfrentar os limites dos arquivos para poder mostrar como homens e mulheres do século XVII souberam aprender e enfrentar a dominação colonial. O subtítulo do livro — *o aprendizado da dominação* — tem a ver com isso. A epígrafe e as linhas finais das “Lições” também. No caso de Palmares, isto me pareceu politicamente mais importante do que deixar o debate girar em torno de outros elementos. Daí o comentário algo irônico sobre a oposição entre história e política num certo trecho da “Abertura”.

Agradeço aos autores das resenhas a leitura atenta do livro, seus comentários, perguntas e sugestões valiosas para a continuidade da reflexão sobre a história dos Palmares. Sou grata também à *Revista Mundos do Trabalho* por este espaço de interlocução: tomara que o debate abra caminhos para novas pesquisas!

Recebido em: 18/11/2024

Aprovado em: 18/11/2024

13 CUNHA, Olivia Maria Gomes da. **Intenção e gesto**: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.